



A manifestação em Curitiba. À frente, de camiseta branca, a filha de Lula, Lurian. Ao fundo, braço erguido, Lindbergh Faria

Os traseiros nos sofás

LULA LIVRE À exceção de Curitiba e dos bravos que foram às ruas, os protestos de domingo são um retrato da nossa bovina condição

POR FRED MELO PAIVA E RENÉ RUSCHEL

Não foi exatamente o que poderia ter sido. À exceção de Curitiba, e sem demérito dos valentes participantes das manifestações que pediram por Lula Livre no domingo passado em diversas cidades do Brasil e do mundo, fato é que o aniversário de um ano da prisão política do ex-presidente não conseguiu retirar o brasileiro de sua bovina posição de espectador do absurdo que se passa aos olhos. A parafrasear o

cantor de *rap* Emicida a respeito da família que, a caminho de um chá de bebê, foi alvejada 80 vezes por soldados do Exército, “era para este país estar pegando fogo”. Ao que se indicou, porém, no caso da injustiça que alveja Lula e a democracia, “esquerdistas” compartilham secretamente da opinião do ministro Sérgio Moro a respeito do “incidente” ocorrido no Rio de Janeiro: “Acontece”.

Por sua importância, São Paulo era o palco onde as demonstrações dominicais

precisavam ecoar o máximo possível de vozes. “Foi pífio”, disse a *CartaCapital* uma desalentada petista, diante do acanhado número de adeptos que estiveram na Avenida Paulista. “Faltou empenho ao PT de São Paulo.” É simbólico de tal situação que uma manifestante e seu companheiro tenham sido agredidos em frente ao Masp por três homens que se reuniam em outro protesto, este abaixo de pífio, contra o STF e em defesa da Operação Lava Jato. Correm mundo foto e vídeo da mulher



levando uma “gravata”, sob o olhar bovino de uma policial, que, isto é Brasil, terminaria por algemá-la. Mais tarde, reportagem de Laura Capriglione para os Jornalistas Livres identificou dois dos agressores como Jaderson Soares Santana, mestre em Literatura e oficial de Justiça do TRF-3, e seu namorado, Eliezer. Os agredidos são os jovens Elô e Kim, ela vendedora de artesanatos, ele um leitor de cartas de tarô. Têm ambos 21 anos.

À exceção da Juventude do PT e do Levante Popular, faltaram justamente os jovens que erguem bandeiras como as do feminismo e do movimento LGBT, e que ganharam especial relevância no campo progressista desde as jornadas de 2013. Foi – e tem sido – notável o *gap* geracional entre estes e aqueles empenhados na liberdade do ex-presidente. Um ensaio da união das partes deu-se nas grandes passeatas do Ele Não, interrompido depois de as urnas registrarem o Ele Sim.

Na contramão da Avenida Paulista, Curitiba foi capaz de acender uma centelha de esperança na capacidade de soerguerem-se os traseiros do conforto do sofá por justiça e direitos. Antes do amanhecer, mais de 200 ônibus vindos de variadas partes do País já se engalinhavam nas ruas próximas à Superintendência da Polícia Federal, no bairro de Santa Cândida, onde Lula está preso desde 7 de abril de 2018. Um céu carrancudo e uma garoa intermitente não foram capazes de afastar as mais de 10 mil pessoas que se espremeram nas imediações. “Não viemos para comemorar, mas para protestar e manifestar solidariedade”, disse o deputado Florisvaldo Fier, presidente do PT paranaense e um dos fundadores do partido, mais conhecido por Dr. Rosinha.

Cercada por viaturas da Polícia Militar, uma grande marcha percorreu cerca 1,5 quilômetro desde o terminal de ônibus Boa Vista. O esquema de segurança

“Faltou empenho ao PT de São Paulo”, disse uma petista à CartaCapital

destinou ao protesto um espaço de apenas duas ruas, cerca de 200 metros em frente ao terreno onde funciona a Vigília Lula Livre. Por decisão da Justiça, a PM bloqueou as ruas do entorno, deixando livre um único acesso à manifestação. Instalou-se um clima tenso, insuflado pelo temor de que a violência policial registrada ali um ano antes, quando da chegada de Lula à PF, pudesse se repetir de forma ainda mais trágica, visto que as pessoas estavam agora encurraladas.

Nas primeiras horas, um corredor polonês formado por policiais fortemente armados, protegidos por grades e viaturas, exigia que cada manifestante mostrasse o que trazia nas bolsas e mochilas. Como o povaréu fosse por demais abundante, os militares foram obrigados a abrir passagem e desistir do descabido baculejo. Grades foram retiradas e, sob aplausos e brados de “Lula Livre”, o pessoal foi se ajoitando como podia, espremidos uns

aos outros. Apesar da parte que lhe coube no latifúndio, não houve qualquer registro de violência.

“Saí de Vitória da Conquista, na Bahia, há três dias. Sou o primeiro e único dos sete filhos a se formar, a cursar uma universidade, graças ao ProUni, criado pelo Lula. Meus pais são analfabetos”, disse o agora farmacêutico José Pedro Ribamar. “O meu protesto é a minha gratidão por tudo o que ele fez por mim e pelo Brasil.” A professora Nádia Venâncio e a amiga Rubia de Lima Betim viajaram por 3 mil quilômetros, desde Piripiri, no Piauí. “Saber que o presidente Lula estava aqui do nosso lado, há menos de 100 metros, foi emocionante. Queria gritar bem alto para ele me ouvir”, disse Nádia. “Eu até chorei”, contou Rubia à saída da manifestação.

A dona de casa Marildes Cunha recordava da noite em que veio recepcionar Lula, quando balas de borracha e bombas espocaram no meio da multidão. “Foi há um ano, né? Lembro que era um sábado e eu voltava do trabalho. Trabalhava como cozinheira em um restaurante. A vida era bem melhor. Agora estou desempregada faz 11 meses. Prenderam este homem para ele não ganhar a eleição. Mas ele vai sair da cadeia e eu ainda vou votar nele para presidente.”



A jovem Elô, engravatada pelos senhores bolsonaristas na Avenida Paulista



Seu País



No Paraná, Benedita da Silva leu a carta de Dilma, que convalesce de uma pneumonia. Stedile chamou a esquerda a se unir por Lula

Em uma pequena tenda onde se improvisava um palanque, políticos, sindicalistas, estudantes e líderes de movimentos sociais revezavam-se ao microfone. A menos de 15 metros, no outro lado da rua, policiais gravavam vídeos e fotografavam a movimentação. No alto do prédio da Superintendência da PF, um andar acima de Lula, agentes observavam com binóculos. Era quase meio-dia quando um helicóptero começou a sobrevoar a multidão. Policiais postados na porta da aeronave filmavam a manifestação. A multidão agitava bandeiras e entoava o “Lula Livre”.

João Pedro Stedile, líder do MST, conclamou os manifestantes a assumir um compromisso de fazer crescer os atos de solidariedade ao ex-presidente. “Para tirar Lula da prisão, precisamos pôr 500 mil pessoas nas ruas aqui em Curitiba. Mas, para que isso aconteça, temos a obrigação de conversar e ouvir a sociedade.” Para ele, é preciso que os movimentos sociais e os partidos progressistas se unam em torno da causa. Lembrou que o Comitê Nacional Lula Livre aglutina as principais forças políticas da esquerda, mas que esta união não pode se deixar esfacelar. “Neste momento, precisamos estar unidos.”

Segundo Stedile, o Comitê vai promover, um domingo por mês, manifestações populares por todo o País. “O ideal é estarmos presentes em todas as cidades do Brasil. Onde for possível, vamos plantar

uma semente. Só o povo na rua será capaz de libertar Lula”, discursou. Até agora, a estratégia foi mobilizar militantes de partidos políticos e movimentos sociais aglutinados nos comitês populares. “Agora é preciso ampliar nosso trabalho de base para motivar o povo a se engajar.”

A deputada federal Benedita da Silva, do PT, leu a carta enviada pela ex-presidenta Dilma Rousseff. “Ela não pôde estar presente porque está com pneumonia”, informou a ex-governadora do Rio de Janeiro. “Após 365 dias de injustiça, Lula ainda é a voz da resistência”, escreveu Dilma. Para ela, tiranos costumam impor aos seus adversários o sofrimento, a dor e a solidão a que Lula vem sendo submetido. Disse que sua prisão ofende o Estado Democrático de Direito, fere as garantias constitucionais, rasga o devido processo legal, a presunção de inocência e os direitos humanos. “Sua prisão fere de morte a democracia.”

Lula também mandou uma carta aos manifestantes. Lida pela deputada federal e presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, reiterou que é um preso

político exilado dentro de seu próprio país, proibido de dar entrevistas e impedido de falar e ser ouvido. Mas “pensaram que com a imposição deste longo silêncio calariam a minha voz. Não calaram e nem calarão, porque somos milhões de vozes”.

Na carta, Lula agradeceu àqueles que insistem em permanecer nesta que “é uma das mais longas vigílias de toda a história”. Disse sentir-se acalentado pelo “bom dia, boa tarde e boa noite que ouço diariamente”. Falou da solidariedade que recebe de todos os cantos do Brasil, e até do exterior, por cartas e “manifestações espontâneas, verdadeiras”. Criticou o “imenso e desnecessário aparato repressivo” que foi mobilizado por ocasião do enterro de seu neto Arthur, a ponto de impedi-lo que acenasse e agradecesse à solidariedade das pessoas. “Compreendi que o medo dos meus adversários não é do Lula, mas dos milhões de Lulas espalhados pelo Brasil. Eles sabem do que somos capazes quando estamos unidos. Continuamos vivos e fortes. Juntos, vamos reverter este processo e restaurar o País.”

Ao fim da maratona, enquanto a multidão se dispersava, o vendedor de quentinha estacionado na esquina desenrolava sua ciência política: “Quando o povo se une, ninguém segura”. Ou: toda vez que se soerguem os traseiros dos sofás, tremem-se nas bases os justiceiros e os poderosos. Mas isso, por estas plagas, é de uma assombrosa raridade. •

Como o povaréu fosse abundante, a PM desistiu do descabido baculejo